

## **DESVENDANDO O LYCEU RIOGRANDENSE: APONTAMENTOS SOBRE A NOVA SEDE DO MALG**

*UNLEASHING LYCEU RIO GRANDENSE: NOTES ON MALG'S NEW HEADQUARTER*

**Joana Soster Lizott**

Bacharela em Museologia e História/UFPEL/CA/MALG  
museologiamalg@gmail.com

**Fábio Galli Alves**

Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, bacharel em Conservação e  
Restauro/UFPEL/CA/MALG  
conservacaoerestauromalg@gmail.com

### **RESUMO**

Este ensaio pretende traçar alguns apontamentos acerca do prédio do Lyceu Riograndense, localizado no centro histórico de Pelotas. Protegido por tombamento estadual desde 2013, em 2018 também passou a ser protegido nacionalmente, juntamente com o Conjunto Histórico de Pelotas. Construído com a intenção de ser uma escola, no final do século XIX, a história da edificação transpassa oficialmente a do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), quando o museu finalmente conquista sua sede própria, depois de mais de três décadas de funcionamento em prédios alugados pela cidade. Se de uma das primeiras escolas de Agronomia e produção de vacinas no país, no prédio também funcionou a primeira reitoria da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), o Instituto de Ciências Humanas (ICH), além de abrigar por muitos anos os conselhos da Universidade. Até o momento, a pesquisa se concentrou em referências bibliográficas e estudos já publicados, compilando uma visão geral acerca das instituições e setores que vivenciaram o espaço. O objetivo inicial foi elencar alguns pontos na história do prédio afim de responder ao público do MALG, que manifesta interesse pela edificação. Assim, a pesquisa priorizou informações acerca do que funcionou no local, bem como no estudo da ornamentação da edificação.

**Palavras-chave:** Lyceu Riograndense. Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

### **ABSTRACT/RESUMEN**

This study aims to make some notes about the Lyceu Riograndense building, located in the historic center of Pelotas. Protected by law of the State since 2013, in 2018 it was also protected nationally, along with the Historic Set of Pelotas. Built with the intention of being a school in the late nineteenth century, the history of the building officially goes beyond that of the Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), when the museum finally gains its own seat after more than three decades of operation in rented buildings around the city. If one of the first schools of agronomy and vaccine production in the country, the building also functioned as the first rector of the Federal University of Pelotas (UFPEL), the Institute of Human Sciences (ICH), and for many years the councils of the University. To date, the research has focused on bibliographic references and studies already published, compiling an overview of the institutions and sectors that experienced the space. The initial objective was to list some points in the history of the building in order to respond to the public of MALG, who expresses interest in the building. Therefore, the research prioritized information about what worked on the place, and the study of building ornamentation.

**Keywords/Palavras clave:** Lyceu Riograndense. Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG).

Este ensaio pretende apresentar alguns apontamentos acerca do prédio do Lyceu Riograndense, localizado no centro histórico de Pelotas. É resultado de pesquisa realizada pela equipe do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), que buscou elencar alguns pontos na história do prédio e de seus elementos arquitetônicos, a fim de responder a uma demanda dos visitantes do museu, que manifestam interesse pela edificação.

Em 2018, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) mudou-se para o suntuoso prédio do Lyceu Riograndense. A reivindicação e vontade da conquista por uma sede própria, com episódios anteriores à criação do museu<sup>1</sup>, foi assim concluída com a fixação do museu em um dos prédios mais significativos da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e também da cidade.

O MALG é um museu universitário, cujo acervo contempla a salvaguarda, conservação e veiculação de obras de arte, e está ligado ao Centro de Artes da UFPel e aberto ao público em 1986. Tem sua criação ligada a doações do acervo particular do pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo (1887-1983), mas também às coleções artísticas incorporadas pela UFPel da Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA). Desde sua abertura, foi alocado em três locais diferentes da área central da cidade - cada qual com suas limitações e vantagens -, mas todos alugados. A falta de sede própria, como será visto nesse trabalho, sempre foi uma das maiores preocupações e reivindicações do museu.

Depois de décadas instalado em prédios locados e distante do Centro Histórico, a nova sede que abriga o MALG é o prédio do Lyceu Riograndense, localizado em frente ao Mercado Central e ao lado do Paço Municipal da cidade de Pelotas. Assim, na medida em que o museu se redefinia e planejava a ocupação da nova localização, percebeu-se a necessidade de pensar o prédio como parte das ações e da missão institucional.

Nesse sentido, a adaptação das galerias de exposição levou em consideração as características arquitetônicas do prédio, bem como elaboram-se estratégias para preservação e divulgação da memória do prédio.

Essa demanda foi sendo colocada principalmente pelo público que visitava o museu, ora pela curiosidade, ora por ter alguma experiência com aquele espaço. Foi dessa necessidade que surgiu essa breve pesquisa, com afim de elencar alguns pontos acerca da história do prédio, especialmente das instituições e unidades que ocuparam o espaço ao longo

---

<sup>1</sup> Refere-se a acontecimentos relacionados à Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), que serão descritos mais adiante nesse artigo. A EBA funcionou em Pelotas entre 1949 e 1973, quando foi totalmente incorporada pela UFPel, sendo assim, uma das unidades fundadoras da universidade. Além de parte das coleções atuais do MALG terem origem na escola, o patrono do museu, Leopoldo Gotuzzo, também o era da escola.

do tempo. Baseando-se nas perguntas mais frequentes do público visitante, a pesquisa também buscou uma descrição dos ornamentos presentes na edificação.

Como a pesquisa foi realizada com o objetivo de produzir um material de divulgação sobre o Lyceu, e teve um período curto de realização, foram priorizados estudos publicados sobre a edificação, além de fontes bibliográficas. Foram encontradas ainda algumas informações nos arquivos do MALG.

### **O Lyceu Riograndense**

No final do século XIX, Pelotas era uma cidade prospera e enriquecida, tendo passado por um significativo desenvolvimento no que se refere à modernização arquitetônica e urbanística, segundo Fábio Vergara:

entre finais da década de 70 e inícios da década de 80, os entornos da praça tornaram-se um verdadeiro canteiro de obras, recebendo as edificações da atual Prefeitura (então Câmara) Municipal, Bibliotheca Pública Pelotense, Casa 8, Casa 6, reformas e segundo piso da Casa 2 – e, em área contígua, o Liceu (Eliseu Maciel) (2014, p.417-418).

Esse enriquecimento e modernização, ainda segundo Vergara, se deu a partir da produção do charque que tinha por base o trabalho escravista, de forma que “a penúria e o sofrimento do trabalhador escravo, imagem invertida do enriquecimento dos latifundiários, proprietários das charqueadas, se contrapunha a uma vida de luxo e requinte desses últimos” (2014, p.417).

Sob essa estrutura de exploração, ainda no período imperial, segundo Mário Osório Magalhães, a cidade, apesar de ser uma das mais prósperas, por vezes era tratada com desatenção pelo governo provincial ou imperial, que privilegiavam a Porto Alegre, capital da província. Essa lacuna, de acordo com Magalhães, por vezes era suprida por iniciativas particulares: “Geralmente era por conta própria que os pelotenses mais prósperos acabavam assumindo os compromissos do sistema político, substituindo o governo em algumas tarefas que, a princípio, lhe competiam” (1998, p.17-18).

Foi nesse contexto que o prédio que atualmente abriga o MALG foi pensado e construído. Nos anos 1880, a família de Eliseu Antunes Maciel exercia grande influência na cidade de Pelotas. Seus filhos ocupavam cargos importantes como a presidência da Câmara

Municipal e a vice-presidência da Província, sendo dois deles barões<sup>2</sup>. Após o falecimento do patriarca, sua viúva e filhos oferecem em sua homenagem a construção de uma escola, em terreno que seria cedido pela câmara municipal, como bem descreve Ester Gutiérrez:

Em 25 de junho de 1881, a Câmara tratou com satisfação da oferta que faziam. Em memória de seu “extremoso chefe”, tenente-coronel da Guarda Nacional Eliseu Antunes Maciel, a viúva Leopoldina da Rosa, no sétimo dia de sua morte, junto com os filhos, Eliseu, Francisco, Leopoldo (vereador, presidente da Câmara na gestão anterior), Artur (que também viria a ser presidente da Câmara, e, quando o foi, tratou dos esgotos da cidade), Lourival e o genro, Alfredo Gonçalves Moreira, “por si e sua esposa”, Mercedes Antunes Maciel Moreira, solicitaram à Câmara de Vereadores de Pelotas permissão para construírem um prédio para a escola municipal (GUTIÉRREZ, 2004, p.359).

Após vencer um concurso, a obra ficou a cargo de dois construtores franceses, Dominique Pineau e Dominique Villard que projetaram a nova escola municipal. Segundo Gutiérrez, Pineau era engenheiro, arquiteto e artista, tendo produzido uma série de oito aquarelas com a paisagem urbana de Pelotas no século XIX<sup>3</sup>. Entre os edifícios representados, estava o próprio Liceu (GUTIÉRREZ, 2004, p.362-363).

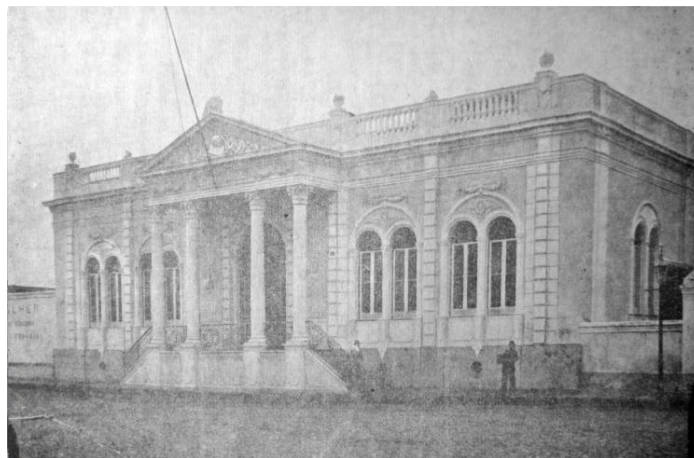


Figura 1: Escola de Agronomia e Veterinária. Fonte: Almanach de Pelotas, 1915

Contudo, mesmo com a construção finalizada, em 1883, a inauguração da escola foi adiada, pois a administração da Província, que ficaria responsável pelas despesas de pessoal, não conseguiu contratar os professores. Somou-se a isso, a preocupação do governo com os altos custos de importação da vacina antivariólica, estando interessado em fabricá-la no Brasil. Os caminhos acabam levando a fundação de uma escola de agronomia e veterinária com um instituto de vacinas em anexo. Dessa forma,

---

<sup>2</sup> Leopoldo Antunes Maciel, o Barão de São Luís, e Francisco Antunes Maciel, o Barão de Cacequi. Foi a família que construiu o “conjunto neoclássico” de três casas da Praça Cel. Pedro Osório (nº 2, 6 e 8).

<sup>3</sup> Compradas por Fernando Osório, quando escrevia o livro *A cidade de Pelotas*, em 1922, incluiu na publicação a reprodução das mesmas (GUTIÉRREZ, 2004, p.362).

Foram imediatamente cedidos ao Império, sem qualquer ônus, o prédio da escola, seu terreno adjacente para o instituto de vacinas e a praça Henrique d'ávila (hoje Cipriano Barcellos, “do Pavão” ou “dos Enforcados”) para as aulas práticas. O Império, por sua vez, no início de 1884 contratou um novo engenheiro para remodelar o prédio (adaptá-lo às condições de uma escola de ensino superior) e construir o instituto de vacinas, anexo (MAGALHÃES, 1998, p.20).

Assim, ainda em 1883 foi criada a Imperial Escola de Medicina Veterinária e Agricultura Aplicada. Contudo, de acordo com Mário Osório Magalhães (2017, p.135), pouco depois, em 1885, devido disputas políticas envolvendo o ministro Antônio Prado, o governo imperial decide fechar a escola e leiloar todos os animais e aparelhagem trazida da Europa. Tal atitude gera mobilização de setores da cidade, culminando com a oficial aquisição do imóvel pelo município de Pelotas:

Em 1887, a Câmara Municipal conseguiu reverter ao município todo o patrimônio que fora cedido ao Império em 1883, comprometendo-se a manter, às suas custas, um Liceu de Agronomia, Artes e Ofícios, que teve a presidência do ex-deputado, conselheiro Francisco Antunes Maciel (MAGALHÃES, 2017, p.135).

A tabela 1 traz a relação de nomes que o prédio levou desde sua construção, bem como quem detinha a propriedade da mesma:

<b>Ano</b>	<b>Nome</b>	<b>Administração</b>
1883	<i>Imperial Escola de Medicina Veterinária e Agricultura Aplicada</i>	Império
1887	<i>Lyceu de Agronomia, Artes e Offícios</i>	Município
1889	<i>Lyceu Rio-grandense de Agronomia e Veterinária</i>	Município
1909	<i>Escola de Agronomia e Veterinária</i>	Município
1926	<i>Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel</i>	Município
1934	<i>Escola de Agronomia Eliseu Maciel</i>	Município
1969	<i>Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel</i>	Federal (UFPel)
Déc. 1970 até déc. 1990	<i>Instituto de Ciências Humanas</i>	Federal (UFPel)
2007	<i>Lyceu Riograndense de Agronomia e Veterinária da Universidade Federal de Pelotas</i>	Federal (UFPel)
2018	<i>Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo</i>	Federal (UFPel)

Tabela 1: Levantamento de nomes e administração do Lyceu Riograndense. Fonte: Autoral.

Note-se que o nome Lyceu Riograndense é dado ao local somente entre 1889 e 1909, mas acabou sendo um dos mais relacionados ao prédio até hoje. Mesmo com as diversas trocas de nomes pelo qual a escola passou, deu origem ao atual curso de Agronomia da UFPel, sendo o mais antigo em funcionamento no país<sup>4</sup>. As Figuras 2 e 3, trazem o aspecto interno do prédio em 1927, com uma das salas de aula, onde atualmente o fica a secretaria do museu e o Salão de Honra, ocupado atualmente com a Galeria Leopoldo Gotuzzo, Patrono do museu.



Figura 2: Gabinete Dr. F. R. de Araújo – Zootechnia e Botânica. Fonte: Almanach Pelotense, 1927



Figura 3: Salão de Honra. Fonte: Almanach Pelotense, 1927

---

<sup>4</sup> O curso permaneceu no prédio até 1959, quando se mudou para as instalações atuais no campus do Capão do Leão.

Durante as décadas seguintes, funcionou no local a faculdade de agronomia e veterinária, que estavam entre as unidades fundadoras da UFPel<sup>5</sup>. Com a criação da universidade, o prédio passa para a tutela federal novamente, tendo sido a primeira sede da reitoria.

A partir de então, as informações sobre o que funcionou no local começam a ficar mais raras. Sabe-se apenas que funcionou no local, entre os anos 1970 e 1990 o Instituto de Ciências Humanas da UFPel.

Após alguns anos de indefinição quanto a ocupação, em 2006 foram iniciadas as obras do restauro completo da edificação. No ano seguinte, reinaugurado como *Lyceu Riograndense de Agronomia e Veterinária*, passou a abrigar um Gabinete da Reitoria, a Secretaria dos Conselhos Superiores e o acervo bibliográfico de Mário Osório Magalhães.

Sabe-se que desde a restauração do prédio, e a mudança da reitoria para o campus Anglo, diversas unidades e projetos da universidade foram abrigados pelo Lyceu. Contudo, poucas informações foram obtidas nesse sentido. Percebe-se que uma grande parte da história do Lyceu está na oralidade, nas experiências e nas memórias das pessoas que vivenciaram esse espaço.

### **Planta e ornamentação**

De arquitetura imponente, o prédio projetado por Dominique Pineau e Dominique Villar, apresenta um esquema “*palladiano*”, caracterizado por uma planta quadrada bastante contida, cruzada por duas linhas de simetria que dividem a composição em quatro porções iguais. Sobre os eixos foram estabelecidos, em forma de uma cruz grega, os espaços de circulação e um gabinete de chefia, e nas quatro porções periféricas, os respectivos salões de aula. Destes apenas no antigo gabinete de chefia e em um dos salões ainda permanecem as decorações interiores em talha e estuque que seguem o mesmo repertório dos elementos decorativos da fachada apenas em estuque.

A construção retangular apresenta em sua fachada principal um grande pórtico que se projeta do alinhamento da calçada com frontão triangular sustentado por quatro colunas de

---

<sup>5</sup> Em 1969 foi criada a Universidade Federal de Pelotas, reunindo faculdades e cursos que formavam a Universidade federal Rural do Rio Grande do Sul e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul em Pelotas, além de outras unidades de ensino superior existentes na cidade. Faculdades de Agronomia Eliseu Maciel, de Veterinária, Odontologia, Direito, Medicina e Ciências Domésticas, o Conservatório de Música, Escola de Belas Artes D. Carmem Trápaga Simões, o Instituto de Sociologia Política e o Centro Agrotécnico Visconde da Graça (Informações disponíveis em: <http://portal.ufpel.edu.br/historico/>).

fustes lisos e capitéis compósitos, guarda corpo em gradis de ferro trabalhado e com arremate em mármore e escadas de acesso ao interior do prédio também de mármore. (GUTIERRES, 2004).

Na fachada principal, ao observarmos o tímpano do frontão (parte interna do frontão) estão dispostos de forma ornamental e emoldurados por frisos apoiados em “cachorros” em forma de folha de acanto e dentículos, instrumentos de artes e ofícios como compasso, livro, âncora, régua “T”, globo, fragmento de capitel compósito, esquadro, e ao centro uma cártula desenrolada com a inscrição *Fiat Lux* (faça-se a luz). Estes elementos estão entrelaçados por ramos de folhas de louro. Coroando o frontão, um mascarão com raios fulgidos completa o conjunto do tetraestilo.

O acesso ao interior do edifício é feito por uma porta de madeira inserida em um arco com vidraça trabalhada e com vidros transparentes. A porta que se abre em quatro folhas, sendo as duas centrais decoradas com entalhes em madeira numa composição geométrica de frisos e estrela entre guirlandas de ramos de louro e carvalho amarrados com laço de fita. Um pouco mais abaixo, abre-se uma janela com grade de ferro quadriculada e postigo almofadado, arrematada com frisos e festões de louro com pequenos pináculos. Nas folhas laterais, sem janelas, a decoração é feita por círculos que em seu interior possuem uma forma em ponta de diamante.

A grande porta divide simetricamente a fachada em duas metades, estas decoradas com colunatas rusticadas e ornatos sob o tetraestilo sendo estes também alusivos as artes e ofícios. Do lado esquerdo, paleta com tinta e pinceis, cavalete de pintura, batuta, lira e flauta. Do lado direito de quem entra, pratos de balança, cártula, livro, compasso, pena de caligrafia, luneta, entre outros. Ambos os conjuntos estão centralizados entre ramos de louro suspensos por uma corda longa.

Na sequência desta fachada e seguindo a riqueza de ornamentação e o arranjo simétrico, as duas janelas de cada lado estão posicionadas entre pilastras, em forma de conjuntos de janelas duplas inseridas em arcos plenos e ao mesmo tempo estas arrançadas de forma interseccionada e arrematadas por colunelos de capitéis compósitos e estrelas de cinco pontas, que servem de apoio para dois outros arcos. Acima dos arcos principais e inseridas entre frisos sobressaem as palavras *litteratura, sciencia*, indústria e artes sobre festões de flores e frutos. Logo abaixo nos tímpanos dos arcos guirlandas de louro e carvalho contornam uma estrela de cinco pontas.



Arrematando a fachada, sobre frisos em relevo, uma cornija suporta a platibanda com segmentos cegos e outros vazados decorados com balaústres, cujos pequenos pilares são ornados com guirlandas de flores e arrematadas por globos.

### **A história do MALG cruza com a do Lyceu**

A Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), além de ter sido uma das unidades fundadoras da UFPel, tem uma relação direta com o atual Centro de Artes de o MALG. Além de profissionais em comum, o museu abrangeu as coleções artísticas da escola, que hoje fazem parte de seu acervo.

Desde o início de suas atividades, em 1949, a EBA funcionou em locais emprestados ou alugados<sup>6</sup>. Tal situação prejudicava o funcionamento da escola, tendo sido tratada em jornais locais em diversas ocasiões (MAGALHÃES, 2014, p.38-40). O alívio para a escola veio em julho de 1955, quando

Na gestão do prefeito Dr. Mário Meneghetti, foi sancionada e promulgada a lei nº 574, que autorizava o executivo a doar à Escola de Belas Artes de Pelotas, imóvel pertencente ao município, sito à praça 7 de julho, nº 52, tão logo deixasse de ser ocupado pela Escola de Agronomia Eliseu Maciel, que estava de mudança para o Campus Universitário (MAGALHÃES, 2014, p.40).

Contudo, o governo federal não entregou o prédio, pois desejava instalar nele a Universidade Rural do Sul. De acordo com Clarice Magalhães, “Para pressionar a direção da Agronomia e providenciar a desocupação do prédio e a entrega deste à EBA, os alunos e professores fizeram, na época, várias manifestações” (2014, p41).

---

<sup>6</sup> A primeira sede foi em uma sala emprestada na Bibliotheca Pública Pelotense. Em 1951, mudou-se para prédio alugado na Rua Gal. Osório, 819. Em 1953, transfere-se para prédio alugado na Rua Andrade Neves, 657. Em 1963, é doado o prédio da rua Marechal Floriano nº177 e 179, onde a escola funcionou até o fim de suas atividades (MAGALHÃES, 2009, p.36-39).



Figura 4: Protesto de alunos da EBA em frente ao Lyceu. Fonte: Arquivo EBA/MALG/UFPeI

Mesmo assim, a escola não pode ocupar o prédio. A questão somente foi resolvida em 1963, quando Carmem Trápaga Simões doa o prédio de sua residência para a Escola. O prédio ainda passou por adaptações para abrigar as atividades da Escola, que passou a se chamar Escola de Belas Artes D. Carmem Trápaga Simões (MAGALHÃES, 2014, p.43). Com a incorporação à UFPel em 1973, o prédio passou a ser patrimônio da universidade, bem como suas coleções de arte, pertencendo atualmente ao Centro de Artes da UFPel.

Assim como a EBA, desde sua criação, em 1986 o MALG sempre ocupara casas alugadas pela UFPel, como aparece nas figuras 5, 6 e 7.



Figura 5: Primeira sede do MALG (11/1986-02/1992), Rua Marechal Deodoro, 763. Fonte: Arquivo MALG



Figura 6: Segunda sede do MALG (04/1992-02/2003), Rua Félix da Cunha, 818. Fonte: Arquivo MALG

Quando o museu ocupava sua segunda sede, surgiu a oportunidade de ocupação de um prédio próprio, da UFPel, o prédio do Lyceu. De acordo com reportagem veiculada pelo jornal Zero Hora (29/02/2000), o museu deveria se mudar para o prédio assim que o local fosse restaurado. O projeto era ambicioso, relatado pelo então diretor Nicola Caringi.

O novo Malg terá sua capacidade de exposições dobrada, com quatro galerias. Além disso, haverá um espaço maior para os setores educativo e documental, um ateliê de restauro – único público no Estado -, um café e uma butique. O prédio será totalmente climatizado, possibilitando ao museu receber grandes exposições (ZERO HORA, 29/02/2000)

Contudo, o restauro e a mudança acabaram não ocorrendo, e o museu acabou indo para sua terceira sede em prédio novamente alugado pela universidade (Figura 7).



Figura 6: Terceira sede do MALG (03/2003-01/2018), Rua General Osório, 725. Fonte: Arquivo MALG

Quando finalmente foi restaurado, em 2006, o prédio do Lyceu foi destinado ao Gabinete do Reitor, ao Conselho Universitário (CONSUN) e o Conselho Coordenador de Ensino Pesquisa e Extensão (COCEPE). Também passou a abrigar a Biblioteca do Historiador Mário Osório Magalhães.

Finalmente, em 2017 foi confirmado pela reitoria da UFPel que o MALG seria transferido para sua casa própria no respectivo prédio. Após meses de organização interna, e intenso trabalho da equipe do museu, das equipes de manutenção e da Pró-reitoria de Planejamento (PROPLAN) o museu reabriu ao público em 29 de junho de 2018. Na ocasião, apenas a galeria do patrono foi inaugurada, tendo as outras duas galerias sido abertas em 07 de novembro de 2011, aniversário do museu.

### **Considerações finais**

Desde a chegada à nova sede, no prédio do Lyceu Riograndense, a equipe do MALG percebeu que além do compromisso com a memória de Leopoldo Gotuzzo e das artes visuais, precisaria se dedicar ao local que passaria a abrigar os acervos e atividades do museu.

A imponência da edificação e sua história atravessaram os planos para as ações institucionais. Isso foi confirmado e ficou mais latente quando as portas do prédio foram abertas ao grande público. Por décadas, e principalmente nos últimos anos, o Lyceu foi um local de uso restrito da comunidade universitária. Comunidade essa que é parte fundamental da sociedade pelotense e que contribuiu para que o Lyceu seja reconhecido como um local de memória. Contudo, grande parte da cidade não tinha acesso ao local. A entrada principal, voltada para a Praça 7 de julho, em frente ao Mercado Público, não era utilizada. Com a abertura do MALG, esse acesso foi ampliado para além da comunidade acadêmica. E foi o próprio público que impôs as questões, de quando havia sido construído o prédio, o que funcionou, o que significavam os ornatos. Da mesma forma, apareceram pessoas que vivenciaram aquele espaço, ansiosas por ver novamente as salas e contar suas experiências.

Por outro lado, a pesquisa que foi iniciada pela equipe do museu esbarrou em algumas dificuldades. Apesar de a origem da edificação estar relatada em estudos locais, os períodos posteriores carecem de informações. Assim, percebeu-se a necessidade de a pesquisa avançar para outras fontes, buscando preencher essas lacunas. Fontes essas que podem estar na imprensa e fundos arquivísticos locais. Contudo, grande parte da história do Lyceu ainda está na memória das pessoas que vivenciaram o espaço.

Este estudo destacou a importância e a necessidade de o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo tratar horizontalmente algumas questões que circundem os equipamentos culturais e suas extensões junto a comunidade, a preservação do patrimônio arquitetônico do Centro Histórico da cidade de Pelotas e, ainda manter viva a história recente do prédio do Lyceu, inserindo-o ativamente como espaço de produção cultural, ao conjunto arquitetônico da região central da cidade.

As informações levantadas e aqui discutidas requerem estreitamentos sobre as direções apontadas e, concomitantemente mostrou-nos os próximos desafios para a continuidade a esta pesquisa.

## REFERENCIAS

CERQUEIRA, F. V. Atenas do Sul: Recepção e (Re)Significação do legado clássico na iconografia urbana de Pelotas. In. RUBIRA, L. (org). **Almanaque do Bicentenário de Pelotas**. Arte e Cultura – Vol.2. Santa Maria/RS - PRÓ-CULTURA-RS, Gráfica e editora Pallotti, 2014 (p.415-446).

GUTIERREZ, E. J.B. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888**. Pelotas: universitária UFPEL, 2004.

MAGALHÃES, M. O. **Pelotas agrícola e pastoril** (História da Associação Rural). Pelotas: Ed. Armazém Literário, 1998.

MAGALHÃES, M.O. **Opulência e Cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas, EdUFPEL/ Livraria Mundial, 1993.

MICHELON. F. F.; PELEGRIN, J. L., SCHWONKE, R.S. **Unidades fundadoras da UFPEL: exposição comemorativa dos 40 anos da UFPEL 1969/2009**. Pelotas: Ed. da Universidade Federal de Pelotas, 2009.

MOURA de R.M.G.R.; SCHLEE A.R. **100 Imagens da Arquitetura Pelotense**. Pelotas: Pallotti,1998.

NASCIMENTO, H. A. **Nossa Cidade era Assim**. Pelotas, Livraria Mundial, 1989.

SANTO, A.; DINIZ, C. R. B.; MAGALHÃES, C. R. (orgs.) **A Escola de Belas Artes de Pelotas – memória e história**. Pelotas: Ed. UFPEL, 2014.

SANTOS, C. A. (org). **Ecletismo em Pelotas: 1870-1931**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPEL, 2014.

Portal UFPEL: Institucional – Histórico. Disponível em <http://portal.ufpel.edu.br/historico/>. Acesso em 13/11/19